

## FILOSOFAR SIGNIFICA APRENDER A PENSAR E A VIVER LIVREMENTE

PHILOSOPHY MEANS LEARNING TO THINK AND LIVE FREELY

KLAUS VIEWEG<sup>1</sup>

**Abstract:** A translation into Portuguese of the initial pages of G.W.F. Hegel's new biography by Klaus Vieweg is presented. In these pages, Vieweg presents an overview of Hegel's life, as well as the interpretative keys that allow to relate Hegel's life and work in a coherent and detailed review of the philosopher's bio-bibliographic path. His insertion in his time, as well as a very general outline of Hegel's reception, both by his contemporaries and today is exposed. Some prejudices and gross errors of interpretation that have been repeated in the last two centuries on the philosopher of Stuttgart are also refuted.

**Keywords:** Hegel; Klaus Vieweg; Biography

**Resumo:** Apresenta-se a tradução para o português das páginas iniciais da nova biografia de G. W. F. Hegel, da autoria de Klaus Vieweg. Nestas páginas, Vieweg expõe um panorama geral da vida de Hegel, bem como as chaves interpretativas que permitem relacionar a vida com a obra. Apresenta-se, assim, uma visão coerente e pormenorizada do percurso bio-bibliográfico do filósofo, da sua inserção na sua época, assim como um esboço muito geral da recepção de Hegel, tanto pelos seus contemporâneos como na atualidade.

**Zusammenfassung:** Der Text ist die portugiesische Übersetzung der ersten Seiten der neuen Biographie von G.W.F. Hegel von Klaus Vieweg. Auf diesen Seiten bietet Vieweg dem Leser einen Überblick über Hegels Leben sowie die interpretativen Schlüssel, die es ermöglichen, den Zusammenhang zwischen Leben und Werk des Philosophen zu verstehen. Vieweg präsentiert einen kohärenten Einblick in den biobibliografischen Pfad des Philosophen, dessen Verflechtung in seine Zeit sowie einen allgemeinen Überblick über die Rezep-

---

<sup>1</sup> Universidade de Coimbra; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Unidade I&D CECH. Email: [ferrer.diogo@gmail.com](mailto:ferrer.diogo@gmail.com) ORCID: 0000-0001-8209-7691

“Philosophie heißt frei denken und frei leben zu lernen”. Traduzimos aqui o texto de abertura da biografia referida, intitulada Hegel: *Der Philosoph der Freiheit. Biographie* (Ch. Beck, München, 2019, pp. 17-27).

Desmontam-se além disso diversos preconceitos e erros, por vezes grosseiros, de interpretação que se repetiram nos últimos dois séculos sobre o filósofo de Estugarda.

**Palavras-chave:** Hegel; Klaus Vieweg; Biografia

tion Hegels, von seinen Zeitgenossen bis heute. Einige, teils grobe Vorurteile und Irrtümer der Interpretation, die sich dem Stuttgarter Philosophen gegenüber in den letzten zwei Jahrhunderten wiederholt haben, werden ebenfalls abgebaut.

**Schlüsselwörter:** Hegel; Klaus Vieweg; Biographie.

Tendo um pintor pedido a Goethe para retratar o homem mais famoso da época, o poeta terá respondido que o artista deveria começar por ir a Berlim pintar Hegel, e só depois disso voltar sem demora a Weimar para o retratar. Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu sob o signo de uma estrela feliz ou, nas palavras de Shakespeare, de uma estrela dançante: Hegel pode ser considerado o mestre maior da filosofia moderna, o mais famoso filósofo moderno. A razão e a liberdade formam os dois pilares sobre os quais foi erigida a catedral filosófica de Hegel. O impulso central da sua vida e do seu pensamento, que se entrelaçam de muitas maneiras, encontra-se no pensamento da liberdade. Friedrich Hölderlin referiu a ‘finalidade sagrada da liberdade’, Schelling a ‘liberdade como A e  $\Omega$  da filosofia’ e Schiller ‘o reino da razão como um reino da liberdade’. Em harmonia com estes seus parentes espirituais suábios, nas palavras de Heinrich Heine, ‘esta floresta exuberante de grandes homens que nasceram do solo da Suábia, estes carvalhos gigantes cujas raízes chegam ao centro da Terra e cujas copas alcançam as estrelas’, o credo de Hegel era: *filosofar significa aprender a viver livremente*. É preciso hoje desenhar uma imagem de Hegel livre dos lugares-comuns e das falsificações grotescas que ainda sobrevivem. Não obstante a prudência no desenvolvimento da sua filosofia, o caminho intelectual de Hegel assemelha-se a uma Odisseia no mundo do pensamento, sendo que, ao mesmo tempo, a sua vida decorre plena de acontecimentos e rica de tensões e contrastes, muitas vezes num terreno altamente perigoso.

A vida de Hegel desenrola-se desde a infância e juventude em Estugarda, a cidade ducal do Württemberg, onde os professores reconhecem já o talento do aluno liceal, através dos anos de estudos de teologia com Hölderlin e Schelling na pequena cidade universitária de Tübingen, onde ocuparam um quarto de estudantes único na história da filosofia no que toca à densidade intelectual, até ao trabalho de preceptor e mordomo na Berna aristocrática, e à idílica paisagem de Rousseau, junto ao Lago de Bieler, assim como na cidade imperial de Frankfurt am Main, onde novas experiências de pensa-

mento foram levadas a cabo pela ‘liga dos espíritos’: Hölderlin, Sinclair, Zwilling e Hegel. Desde a docência dita ‘privada’, sem remuneração, e a colaboração com Schelling na Atenas do rio Saale, Iena, a capital da filosofia, bem como a coroação fulminante através de uma obra filosófica milenar, a *Fenomenologia do Espírito*, o seu caminho conduz até a Francónia, no novo reino da Baviera, primeiro como redator de jornal em “trabalhos forçados” na cidade católica de Bamberg, depois como reitor e fundador do primeiro Liceu humanístico da Alemanha, na protestante Nuremberga, cidade onde é também publicada a sua obra capital, a *Ciência da Lógica*. Segue-se então a primeira cátedra, na romântica Heidelberg, em conexão com a publicação da sua primeira *Enciclopédia* e, finalmente, a presença no ‘ponto central’ do reino da Prússia, em Berlim e na sua Universidade, que coincide com a sua elevação a filósofo proeminente da sua época.

Nesses anos historicamente turbulentos, Hegel conheceu contemporâneos famosos, como Hölderlin e Schelling, Schiller e Goethe, os irmãos Friedrich e August Wilhelm Schlegel, Jean Paul, Friedrich Schleiermacher, os dois Humboldt, Felix Mendelsohn Bartholdy, Ludwig Feuerbach e Heine, para só falar dos mais destacados. Hegel encontra-se com o rei da Prússia e o seu sucessor, e conversa com a mulher deste último, priva com o Duque de Weimar Karl August e com Goethe, no Castelo de Belvedere, e admira em Iena o Imperador Napoleão. Está em ligação com múltiplos círculos e mantém contacto com os seus dois amigos mais próximos, primeiro Hölderlin, depois Friedrich Immanuel Niethammer.

Ao que parece, todos os anos no 14 de julho, o dia do início da Revolução Francesa, Hegel brindava com uma taça de champanhe. Esta revolução foi o acontecimento histórico marcante da sua vida e do seu pensamento. O filósofo Hegel foi sempre um *politicalus*, um homem que tomou posição pública sobre as questões políticas, que se mostrou ao longo de toda a sua vida um defensor veemente dos pensamentos fundamentais da Revolução Francesa. Festejou a revolução como um ‘nascer do sol grandioso’ do mundo moderno, como ‘aurora’ da existência livre. O *pensamento da liberdade* atravessa toda a sua vida como motivo fundamental: se na sua juventude foi um admirador dos escritos de Schiller contra a submissão, os *Bandoleiros* e *Fiesco*, nos seus anos de Tübingen foi um dos porta-vozes de um círculo estudantil revolucionário-republicano, além de confidente próximo do apoiante da revolução, publicista e poeta Gotthold Friedrich Stäudlin. Em Berna, conspirou com os revolucionários enviados de Paris, Konrad Engelbert Oelsner e Georg Kelner, e começa a tradução de um escrito panfletário do girondino Jean Jacques Cart, do Vaud. Em Frankfurt está em ligação próxima com os opositores de Estugarda do círculo de Christian Friedrich Baz e de Carl Friedrich von Penasse, bem como com as cabeças da República de Mainz, como Franz Wilhelm Jung e, em virtude de uma carta enviada para Paris, ao

famoso revolucionário Abade Emmanuel Joseph Sieyès, incorreu em alta traição. Tanto as referidas atividades em Berna quanto as em Estugarda e em Frankfurt foram registadas nos ficheiros da polícia secreta. Hegel apresenta um projeto de constituição para Württemberg, e publica anonimamente a tradução do girondino *Escrito de Carf*. Em Iena, elabora um esboço de uma constituição moderna, federal, para a Alemanha, e fica fascinado pela alma do mundo, Napoleão, que vê entrar a cavalo na cidade. Em Bamberg atua como jornalista político e defensor esclarecido da legislação napoleónica, e está também na melhor das ligações com uma interessante figura da República de Mainz, Meta Forkel-Liebeskind. Em Nuremberga trava relações com o amigo alsaciano da revolução, Justus Christian Kießling, que adorna a sua casa com uma árvore da liberdade e a bandeira tricolor. Mantém contato amistoso com o seu colega de Heidelberg, Philipp Christoph Heinrich Eschemeyer, um dos principais acusados no processo dos jacobinos de Württemberg em 1800, condenado a dois anos de cadeia como uma das figuras centrais das forças republicanas-democráticas. Uma das duas correntes da associação de estudantes de Heidelberg, a tendência antinacionalista, não adotou por acaso o nome de “os Hegelianos”, sob a orientação do primeiro assistente de Hegel, Friedrich Wilhelm Carové, que pronuncia o discurso com o conteúdo mais importante da festa do Wartburg. Em Berlim, destaca-se Hegel como o mais significativo opositor intelectual do espírito da restauração, como um pensador considerado suspeito de republicanismo pelo partido reacionário da Corte e o seu principal serventuário Karl Albert von Kamptz, em especial pelo ataque arrasador de Hegel a um dos ideólogos mais importantes da restauração, Karl Ludwig von Haller. Com a sua *Filosofia do Direito*, opõe-se também expressamente à cabeça da escola jurídica histórica, Carl Friedrich von Savigny, que considera o *Code civil* napoleónico um cancro revolucionário, e se volta contra as concepções de um reino da razão. Hegel compromete-se como defensor dos seus estudantes encarcerados na sequência dos Decretos de Karlsbad, Karl Ulrich, Leopold von Henning e Gustav Asverus. Este último, acusado nada menos do que de participação em ligações de alta traição. O professor de Berlim avaliza, paga a fiança e consegue, após vários anos, o arquivamento do processo contra Asverus – para quem E. T. A. Hoffmann erige um monumento com a sua obra *Meister Floh* – tomando também posição pública contra a arbitrariedade da justiça. Tal como acontecera já em Berna e Frankfurt, a polícia política documentou tudo. Hegel está claramente do lado do acusado de traição à pátria, jacobinismo, ‘demagogia’ e subversão – vive perigosamente. Isto é demonstrado, também, pela sua arriscada dança no arame no caso do colega francês, Victor Cousin, assim como pelos contactos com influentes críticos da restauração em Paris. Um exemplo do apoio de Hegel aos movimentos antirrestauracionistas é a sua simpatia pela luta pela liberdade do povo grego. O último trabalho publicado por Hegel,

o escrito sobre a *Reformbill*, contém uma tomada de posição política no sentido da necessidade da continuação da revolução sob a forma de reformas progressivas e mostra, ainda uma última vez, o velho político e sismógrafo do seu tempo, que não se retira para um castelo no ar filosófico. Como sinal dos efeitos do pensamento hegeliano, bastará ouvir Johann Georg August Wirth, um dos mais conhecidos alunos de Hegel no Liceu de Nuremberga e um dos protagonistas do Festival de Hambach, que escreveu o maior elogio possível ao seu professor: Hegel ‘acendeu nele a centelha imorredoura da liberdade’.

Os traços principais dos estádios do caminho do pensamento de Hegel, que não são de modo nenhum lineares, mas marcados por ruturas, serão apresentados nesta biografia intelectual: nos seus anos de aprendizagem e estudos até 1796, principalmente através da leitura minuciosa dos escritos de Aristóteles, Platão, Rousseau, Kant e Fichte, o jovem Hegel aproximou-se cuidadosamente da filosofia, e põe no papel as suas primeiras muito promissoras tentativas, que deixam entrever um futuro gigante do pensamento. Isto é válido também para o ‘mosaico de fragmentos’ esboçado nos seus anos de Frankfurt, no qual cintilam já alguns momentos isolados das suas ideias posteriores. Como seu objetivo, enuncia então a continuação da filosofia transcendental de Kant e Fichte, esta ‘revolução do sistema das ideias’. Na Meca da filosofia, a Iena dos anos entre 1801 e 1806, alcança finalmente, através de muitos esforços, conceber o seu pensamento fundador de um monismo absoluto como idealismo da liberdade, que será mais largamente elaborado e desenvolvido nos anos seguintes, em Bamberg, Nuremberga, Heidelberg e Berlim.

Hegel escreveu quatro obras de primeiríssima categoria: uma, a *Fenomenologia do Espírito*, o fascinante tratado de Iena, outra, a *Ciência da Lógica* de Bamberg e Nuremberga, sem dúvida a obra fundamental e mais significativa de todas, que oferece uma lógica moderna, terceira, a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* de Heidelberg e Berlim, *opus* sistemático central, que delinea os traços arquitetónicos fundamentais e, finalmente, a *Filosofia do Direito* de Berlim, o escrito mais influente e controverso. Algumas joias do tesouro hegeliano: em conjunto com Schelling, dirigiu em Iena o seminário provavelmente com mais quilates na história da filosofia, e marca com as suas contribuições fulminantes uma das mais importantes revistas filosóficas de sempre, o *Kritische Journal der Philosophie*, coeditado com Schelling. Com a sua apaixonada *Fenomenologia do Espírito*, determina a filosofia desde o começo e é o fundador de uma lógica moderna, como uma nova metafísica. Oferece pedras basilares para uma teoria filosófica do signo e da linguagem. Hegel deve ser considerado, de acordo com Eugen Gombrich, como pai da disciplina da História da Arte; a sua estética da pintura, da música e da literatura é até hoje decisiva e reconhecida pela sua profundidade

filosófica. Os seus ciclos de lições de Berlim eram lendários, e os estudantes berlinenses escreveram frases marcantes nas paredes da universidade. Hegel traça linhas fundamentais para uma teoria da sociedade e do estado modernos e, com a diferença clássica entre sociedade civil e estado, revoluciona o pensamento filosófico da política e torna-se um dos pais da sociologia. Concebe a primeira teoria filosófica de um estado social, que permanece até hoje como a melhor alicerçada filosoficamente, teoria que, ao lado da sua lógica filosófica inovadora é certamente o seu contributo mais significativo para o pensamento moderno.

A presente biografia deve ser uma defesa do credo geral *razão e liberdade*, que marca toda a história da vida de Hegel e será a tentativa de apresentar a *vita* ao longo deste ‘fio de ligação’. Esta viagem de descoberta numa vida filosófica deve expor os seus principais estádios, sabendo bem que este retrato, em sentido inteiramente hegeliano, deveria ser reescrito 77 vezes. Abrir um tal jogo, que nada tem de lúdico, com este grande-mestre do pensamento raia sem dúvida a temeridade, e será em qualquer caso um arriscado trabalho de Hércules, senão mesmo de Sísifo. ‘Continua a ser imensamente difícil mostrar o processo inteiro do pensamento que Hegel, como indivíduo, atravessou’, o que desespera [o biógrafo] Rosenkranz, e fã-lo justamente exclamar: ‘em que labirinto estou metido!’

Para esclarecer o enorme desafio, apenas alguns exemplos do largo espectro de hinos de louvor e diabolizações, por um lado, de apreciações vindas de todo o mundo e, por outro, das inúmeras críticas pouco objetivas, e em parte pérfidas: Schiller e o Schelling de Iena viram em ação uma cabeça filosófica profunda, de primeira água, Goethe reputava Hegel como o mais importante filósofo da sua época, a *Fenomenologia do Espírito* foi descrita como ‘o código da liberdade’. Outros viam em ação antes um ‘fanatismo sem Deus’, ateísmo e panteísmo – chamava-se a polícia e a inquisição. Um recenseador diagnosticou no *Escrito sobre a Diferença* de Hegel, em Iena, um ‘vírus mortal’, a saber, o vírus do *pensamento conceptual*. Schopenhauer tomava Hegel por um charlatão que espalhava o absurdo bombástico e o disparate. Segundo Jacob Friedrich Fries, Hegel era um ‘cogumelo metafísico crescido na estrumeira da subserviência’, o ‘profeta submisso dos esbirros prussianos, que beijou a chibata do devorador dos liberais e censor von Kamptz’. Surgiu a avaliação inteiramente descabida da filosofia hegeliana como o ‘domicílio científico do espírito da restauração prussiana’. Com um faro mais apurado ajuizou o partido reacionário da corte prussiana e o seu combatente radical contra os ‘ímpios jacobinos e subversivos’, von Kamptz: estes suspeitavam de Hegel como partidário dos revolucionários franceses e ‘mistificadores funestos’, e também o rei tomava o filósofo como um suspeito defensor da república. O seu sucessor Frederico Guilherme IV contratou posteriormente Schelling, a fim de aniquilar ‘o ovo do dragão do panteísmo hegeliano’, e o

Imperador Guilherme II, a quem falaram do estado negligenciado dos túmulos de Fichte e de Hegel no Cemitério Municipal das Doroteias, explicou que no seu império não havia lugar para tipos como Fichte e Hegel. O ideólogo nacional-socialista Alfred Rosenberg, considerava Hegel um cosmopolita antialemão e inimigo do povo, como um fanático da liberdade que defendia as ideias nocivas de 1789. Para Carl Schmitt, com a tomada do poder por Hitler em 30 de janeiro de 1933, Hegel estava definitivamente liquidado. Karl Raimund Popper, em contrapartida, aviltou Hegel, de maneira pérfida e inteiramente desinformada, como precursor intelectual do totalitarismo e Ernst Cassirer desacreditou-o como o pioneiro consumado do fascismo.

O ministro prussiano, Barão von Stein zum Altenstein reconheceu em Hegel uma ‘estrela de primeira grandeza’. Segundo um dos ouvintes das suas lições, sem Hegel não seria possível apreender o nervo vital da modernidade, e o dirigente associativo Carové considerava o seu mestre como ‘o pensador mais profundo dos tempos modernos’. Como o ‘Aristóteles alemão’, Hegel teria inaugurado ‘uma nova época na história da filosofia’, ao ter tentado dar à filosofia a forma científica rigorosa. Karl Marx, que muito apreciava a ‘grotesca melodia dos rochedos’ de Hegel, designava o idealista absoluto como o seu predecessor burguês, que deveria ser posto de cabeça para cima. Só que Hegel já tinha dito que quando se filosofa tem-se mesmo de colocar a cabeça para baixo, ou seja apoiar-se no pensar, e que toda a filosofia é idealismo. O Friedrich Nietzsche tardio lastimava ter seguido, no seu trato com Hegel, ‘a fúria ininteligente’ de Schopenhauer, uma fúria que grassa até hoje. Duzentos anos de história da influência da filosofia de Hegel – um oceano de interpretações maximamente diferentes e opostas, do qual devemos reter duas curiosidades: em 1839 uma locomotiva da ferrovia Berlim-Potsdam foi batizada com o nome de Hegel. No séc. XIX o estudante de Hegel oriundo da Turíngia, August Röbling, que muito terá apreciado o professor de Berlim, construiu a Ponte de Brooklyn, uma das mais conhecidas obras de engenharia moderna. Locomotiva e ponte poderiam ser duas metáforas adequadas para uma filosofia na sequência de Hegel – seja como for, o construtor da Ponte de Brooklyn trazia na sua bagagem para Nova Iorque um exemplar da *Enciclopédia* de Hegel.

Hoje, é considerado por muitos como um logicista ou ontoteólogo, como o último metafísico ocidental, ou mesmo como uma arrecadação da filosofia, enquanto que para outros, pelo contrário, é um pensador que sonda as profundezas da modernidade, do direito e da liberdade assente no conceito de um estado socialmente configurado. Nos últimos anos temos vivido um notável renascimento de Hegel, um *comeback* do seu idealismo monista, mesmo nos terrenos da filosofia analítica, onde a lógica moderna de Hegel é largamente ignorada. Hegel chegou até mesmo ao *New York Times* com o título “Hegel on Wall Street”: como pensador da liberdade, a sua filosofia prática é capaz de pensar, segundo Jay M. Bernstein, a ligação da individualidade moderna



com as comunidades e as instituições. Outros investigadores encontram o conceito de liberdade de Hegel fundamentalmente na capacidade do homem, por ele diagnosticada, de assumir a perspectiva de um outro, e compreender a liberdade como o *estar-em-si-mesmo no seu outro*. Hegel ‘foi o primeiro a compreender o homem realmente como um ser social, e a pôr em relevo o momento normativo e livre do pensamento’ (Michael Tomasello). O potencial de ideias que o idealista oferece ao pensamento posterior é, em qualquer caso, muito mais vasto e frutífero do que o de algumas figuras recentes da história da filosofia que, na sua vaidade e pretensão, julgam ter superado Hegel, ou que anunciam uma era pós-metafísica.

Na fascinante biografia por Karl Rosenkranz, do ano de 1844, o autor aconselha a não ‘perder a coragem para dominar este material gigantesco’ ao desenhar o retrato da vida do filósofo. O biógrafo poderia esperar que a concentração da exposição na ‘intuição fundamental’ e no ‘fio de ligação’ da sua produção possa trazer bons resultados. Ainda que os adversários do modo de pensar hegeliano considerem o seu projeto derrotado, segundo Rosenkranz, isto é uma ‘ilusão com que os que o desdenham se adulam a si próprios, pois dada a polémica atual seria de espantar se a filosofia de Hegel estivesse realmente morta’. O idealista absoluto agita ainda no séc. XXI a filosofia a diversos níveis. Ainda hoje ‘os adversários de Hegel se alimentam da polémica contra ele’, ‘proclamam-se os vencedores do dia’ e são por isso festejados nos media populares, embora não façam mais do que errar nos meandros das suas próprias hipóteses, e operem alegremente com assunções indemonstradas. Mas filosofar significa o trabalho sério, fundamentado e difícil no espírito de um Aristóteles ou de um Kant, que serviam a Hegel de modelo.

Rosenkranz estava consciente do risco de um percurso nos cumes, com o fito de reunir com êxito numa biografia o caminho da vida e da obra. No entanto, para o público mais vasto haverá no livro de Rosenkranz (e também neste) ‘demasiada filosofia’, enquanto que o grémio dos filósofos nele encontrará demasiado pouca – um verdadeiro dilema. É claro que na biografia de um filósofo não se pode deixar de encontrar ‘a história do seu filosofar’, mas ela não pode de modo nenhum substituir as monografias sobre o seu pensamento. Um aluno liceal de Nuremberga, que teve Hegel como professor e reitor, anotou em 1844: “não se diga que a vida de um tal homem está já registada nas suas obras, e que as suas relações privadas são algo de totalmente irrelevante e secundário; pelo contrário, é mais que certo que o sistema e a vida vão a par, um tem de explicar e complementar a outra, e a totalidade do homem só se pode encontrar na concordância de ambos.”<sup>2</sup> No entanto, um juízo de Rosenkranz deve ser desde logo corrigido: a vida de

---

<sup>2</sup> Georg Lochner: Hegel in Nürnberg 1808. Abdruck eines Sendschreibens an Professor Karl Rosenkranz. In: *Nürnberger Kurrier* 170 (3.5. Aug. 1844).



Hegel teria sido ‘em si tão singela, tão apreensível com um só olhar, simples e sem vestígios de qualquer sombra picante de intrigas e segredos’, que a sua biografia dispensaria ‘a excitação de grandes contrastes’. Pode-se hoje desenhar uma imagem da vida do filósofo muito mais colorida, absolutamente nada monótona e muito marcada por verdadeiros êxitos e amargas desilusões, ruturas e crises, para o que contribuem também diversos episódios e anedotas, onde vêm à luz elementos surpreendentes, empolgantes, picantes, humorísticos, bizarros ou cómicos. Antecipadamente, eis algumas facetas da sua personalidade: o jovem liceal de Estugarda, extraordinariamente valorizado pelos seus professores; o estudante de teologia nada indiferente às jovens, que é preso por vagabundagem e bebedeira; o adepto da Revolução Francesa, desde 1789 sempre envolvido em conspiração, mas que perante o terror dos jacobinos é conduzido a duvidar; o caminhante sempre atento nos Alpes suíços; o pai de um filho ilegítimo, galanteador frívolo das damas em Iena e Bamberg; o reitor de liceu que educou os seus alunos para pensar livremente; o estudioso que com cautela e astúcia sempre se furtou aos processos da polícia política e da censura; o professor que frequentava os salões e tabernas de Berlim e flirtava com cantoras de ópera; o administrador minucioso do livro de contas caseiro; o jogador de cartas e apreciador apaixonado do vinho; o passeante curioso e comunicativo através de Berlim; o visitante daquela a que chamava a capital do mundo civilizado, Paris; o admirador da pintura holandesa, de Shakespeare, Cervantes, Jean Paul, Mozart e Rossini; o amigo de estudantes, poetas, pintores, atrizes e divas da ópera, de orientação republicana.

Sendo certo que a vida de Hegel aparece como um ‘tranquilo processar da sua inteligência’, um ‘trabalho continuamente prosseguido’, a nave da sua vida e do seu pensamento não navegou contudo sempre em águas calmas, mas amiúde em águas revoltas, próximo por vezes dos recifes e do naufrágio. Em 1819, pouco depois dos Decretos de Karlsbad, que cimentou a política da restauração de Metternich, escreve o professor de Berlim, nessa época já conhecido e reputado: “acabo de fazer 50 anos, dos quais passei 30 nestes tempos eternamente inquietos do temor e expectativa, e espero que alguma vez o temor e a expectativa terminem. Mas agora, tenho de constatar que estes continuam, e que quando se pensa estar em horas difíceis, eles tornam-se ainda piores.” 30 anos antes, em 1789, tinha começado a Revolução Francesa, com a tomada da Bastilha. No exterior, deparamo-nos com alguém que age com tranquilidade e que examina com profundidade, como um *homem racional* (Hölderlin), no seu interior, porém, está em ebulição uma lava vulcânica que só com dificuldade era travada. A sua filosofia não era uma divagação nas margens do Neckar e do Saale, não era um passeio contemplativo pela floresta da Turíngia, mas assemelhava-se a uma arriscada pescaria de pérolas. Via-se bem “como o seu pensamento mergulhava nas profundezas do mun-

do; ele suspirava, o seu espírito sofria arduamente e lutava em profundidades escarpadas”, até que “trazia, em triunfo, as valiosas pérolas que tinha roubado aos abismos obscuros do Todo”.<sup>3</sup> Os lados noturnos do pensador, assim como as forças destrutivas que sobre ele atuaram não podem ser subestimados. Entre estas forças, parecia que ele tinha ‘nascido sob o signo de uma estrela inconstante’. O ‘curso solar do conhecimento conceptual’ (Boris von Uexküll), Hegel sabia-o bem, decorre no cosmos gelado e em total solidão. Na imagem da vida de Hegel não se vê, porém, a testa pálida do pensador, mas o homem com gosto pela vida, com humor, dilacerado frequentemente pelas lutas interiores e exteriores, o contemporâneo de uma época marcada por ruturas turbulentas. Para esta imagem contribuem as reflexões do próprio Hegel sobre o género da biografia em prosa, bem como sobre os poéticos *Caminhos de vida em linha ascendente*, para citar o título de um romance predileto de Hegel, da autoria do amigo de Kant, Theodor Gottlieb von Hippel, romance onde a troica de Tübingen, Hölderlin, Schelling e Hegel são batizados como os caminhantes da vida.

Traduzido do Alemão por Diogo Ferrer

---

<sup>3</sup> *Hegel in Berichten seiner Zeitgenossen*, Hrsg. von G. Nicolin, Hamburg, 1970, p. 377.